BREVES APONTAMENTOS SOBRE ALGUNS GRUPOS TEATRAIS EM ATIVIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Alexandre Mate
Professor do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Pesquisador de teatro e integrante do Núcleo Nacional de Teatro de Rua.

Resumo: Originalmente escrito para um catálogo do Ministério das Relações Exteriores, o artigo apresenta, dentre tantas outras, algumas informações sobre companhias de teatro espalhadas e em atividades pelo País.
Palavras chave: teatro de grupo, grupos de teatro brasileiro, história e teatro.

Abstract: Originally written for a catalog of the Ministry of Foreign Affairs, the article presents information on theater companies and their activities all over the country.
Keywords: Brazilian community theater, theater group, history and theater.

I. Introdução

O historiador francês Michel de Certeau (1996) afirma, em seu texto *A Invenção do Cotidiano,* que a ideia de espaço e de lugar diferenciam-se, pelo fato de o conceito de espaço corresponder a um lugar praticado. Por conta disso, pode-se afirmar que um espaço corresponde, na ótica a partir da qual se instaurará a reflexão aqui apresentada - tomando como vetor a linguagem teatral -, a um determinado espaço transformado, por intermédio de um conjunto de convenções, a um território de ocupação dúplice. A linguagem teatral, derivada de rituais em homenagem aos deuses – sobretudo durante a Antiguidade clássica grega –, estetizou-se fundamentalmente porque conseguiu transformar os mais diversos lugares em espaços de praticados simbólicas.

O fenômeno teatral, com o advento da reprodução em série e da espetacularização da cultura de massa, caracteriza-se em uma das linguagens artísticas que consegue resistir e manter-se como uma prática coletiva, essencialmente artesanal e aurática. Fruto de um processo de distintas e articuladas transformações, a linguagem atinge sua onticidade (sua gênese fenomenológica) no mesmo aqui-agora, durante o processo acontecimental. Assim, na condição de jogo, teatro é troca.

Ainda que juntos, mas com funções diferentes, artistas e público podem, do mesmo modo que o fazem com relação ao espaço comunal (palco e plateia), transformar o outro e a si mesmo. No [entre]cruzamento de historicidades, à cena materializada e vista, uma série imponderável de contracenas ocorre. As chamadas artes da representação,

pela sua natureza auráticas, e abastecidas por meio de combustível simbólico, promovem muito mais do que apenas o encontro entre dois grupos. As artes da representação potencializam, mesmo com a blindagem da quarta parede, um ato celebrativo de possibilidade de [re]tecimento das relações sociais, premido por códigos (ou fios) imaginados, reinventados, ressignificados.

Diversos são os teóricos, em obras antológicas (Ernst Fisher, Fayga Ostrower, Néstor García Canclini) que discorrem acerca da chamada necessidade da arte na existência humana. O homem tem necessidade de encontros celebrativos; a arte, insere-se grandemente nessa seara, mas promove espaços de alteridade. A arte muito concorre para a criação de uma identidade e não apenas do artista que a ela se dedica, mas, e sobretudo, à totalidade da população, independentemente da classe a que pertença.

Desse modo, pode-se afirmar que o teatro singulariza um espaço – cuja função transcende o estético -, na medida em que as trocas, por meio dos símbolos, podem revigorar, reestabelecer os nexos das relações sociais, e recriar comunidades de destino e mentalidades identitárias. No extremo, sem qualquer obviedade, pode-se pensar, de acordo com o grande poeta português, de tantos heterônimos, Fernando Pessoa: o encontrar-se ocorre quando o ser de si foge. Na distensão do social, no âmbito do estético, a historicidade (pressupondo a articulação entre o reconhecimento e a participação), pode ser recuperada diferenciadamente. Seja em espaços específicos (casas de espetáculos), em espaços fechados transformados (ressignificados) ou na rua, o espetáculo teatral congraça e consagra em seu acontecimental, laços identitários em continuidade.

Sendo, portanto, uma manifestação que ocorre ao vivo, que não pode ser reproduzida por outros meios, que é artesanal, que prescinde de todo tipo de parafernália, podendo ser reduzida à presença de um ator e de um espectador, o teatro, ao longo da história, sempre contou com significativo número de fazedores. Verdade inconteste que, sobretudo os artistas populares - mas não exclusivamente -, foram subsumidos da história, mas impressiona, tomando como referência os grupos de teatro na cidade de São Paulo, a quantidade de gente que se dedica ao ofício.

No sentido de alargar a consideração e também para exemplificar e sair do plano das ideias, participei, em 2009, de um processo de seleção de projetos da área teatral, em âmbito federal, com mais de mil e duzentos propostas inscritas, solicitando patrocínio para montagem, circulação e manutenção de espetáculos. Trata-se de um número muito significativo, principalmente se considerar o número de pessoas que pode constituir um grupo. Mesmo sendo professor universitário, e ligado à produção teatral, sobretudo por leitura e participação em festivais e mostras de teatro, simpósios, encontros... deparei-me com muitos grupos com dez, vinte, trinta anos de existência, que

não conhecia e de que jamais havia ouvido falar. Parafraseando letra da canção de Maurício Tapajós e Aldir Blanc: "O Brazil não conhece o Brasil".

Esse significativo número de grupos teatrais não é um fenômeno brasileiro, e a produção daí decorrente, como afirmado anteriormente – não é demais repetir – não figura em livros de história, em panorâmicas do teatro, em revistas especializadas... Às vezes, para saber de tantos desses coletivos, é preciso ser morador de seus lugares de origem ou tê-los assistido em algum evento.

II. Alguns preliminares:

Como destaques preliminares da imensa e significativa produção teatral pode-se citar o Oficina (atualmente Grupo Oficina Uzyna Uzona) que, mesmo com certa interrupção em suas atividades, decorrente de processos de perseguição pela ditadura militar, está em atividade desde 1959, quando foi fundado, no Diretório Acadêmico XI de Agosto da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco (da Universidade de São Paulo). José Celso Martinez Corrêa, um dos fundadores do grupo e hoje seu grande líder, dirige (acredito eu) o grupo de maior longevidade do Brasil. Sediado em teatro próprio, no tradicionalíssimo bairro do Bixiga, o grupo – que lutou de modo ininterrupto, por vários anos, contra o Grupo Sílvio Santos – agora conquistou o entorno do teatro para edificação de grande espaço cultural na cidade de São Paulo.

Por meio de espetáculos ousados, experimentais, processionais e ritualísticos, o Oficina influenciou um enorme contingente de jovens a aderir ao teatro, formar novos grupos e a entender que a linguagem teatral também se caracteriza por ser um processo ritual, de efetiva possibilidade improvisacional de reinvenção de si mesmo, em meio ao coletivo.

Com o mesmo estofo de importância, mas ligado ao teatro – em tese – infantil, o argentino Ilo Krugli, depois de certa peregrinação por alguns países da América Latina, chegou ao Rio de Janeiro; e, da cidade maravilhosa, presenteou a cidade de São Paulo por meio da criação e fixação de seu epicentro criativo. Criado em 1974, o Teatro Ventoforte – nome adotado pelo fato de a expressão constar de crítica feita ao grupo por Ana Maria Machado, no *Jornal do Brasil* –, o mago Ilo Krugli, ao longo desses quase 37 anos, por meio de seus espetáculos que encantam a todas as faixas etárias, aproxima pais e filhos, avós e netos, solteiros e descasados, sozinhos e acompanhados... A Companhia tem sua sede em pequena área verde cobiçadíssima, fundamentalmente pelos especuladores imobiliários, no bairro Itaim. Em sua sede, além dos espetáculos do Grupo e de convidados, são promovidas ações de formação para interessados.

Sediado no SESC Consolação, em São Paulo, desde 1982, produzindo espetáculos absolutamente representativos e fruto de um denso e significativo processo de pesquisa, com destaque para o trabalho de ator, Antunes Filho, talvez o mais importante

diretor brasileiro, tem dirigido espetáculos antológicos e formado muitos atores, que atuam, dirigem e dedicam-se a outras áreas da linguagem teatral. Além dos espetáculos, o Centro de Pesquisa Teatral (CPT), com coordenação de Antunes, desenvolve o projeto *Prêt-à-porter*, no qual os jovens atores do CPT escrevem, dirigem e atuam na montagem de textos curtos.

Além desses chamados "monstros do teatro de grupo brasileiro", em especial da cidade de São Paulo – pois, tantos outros poderiam ser aqui apresentados –, impressiona, de qualquer modo, tanto o número de grupos de teatro espalhados pelo país como o tempo de existência de grande parte deles. Dentre os grupos que podem ser citados encontram-se: Associação Teatral Joana Gajuru (Alagoas), 16 anos; Cia. Teatro Di Stravaganza (Rio Grande do Sul), 23 anos; Cia. Teatral Mapati (Distrito Federal), 19 anos; Cia. Trampulim (Minas Gerais), 17 anos; Grupo Caixa de Imagens (São Paulo), 17 anos; Grupo Calçada di Verso (Paraná), 32 anos; Grupo Chama Viva (Tocantins), 25 anos; Grupo de Teatro de Olho na Coisa (Acre), 40 anos; Grupo de Teatro Origem (Amazonas), 27 anos; Grupo de Teatro Palha (Pará), 30 anos; Grupo Formosura de Teatro (Ceará), 25 anos; Grupo Luz e Ribalta (São Paulo), 29 anos; Grupo Martim Cererê (Goiás), 27 anos; Grupo Pombas Urbanas (São Paulo), 22 anos; Grupo Rainha de Duas Cabeças (Paraná), 22 anos; Grupo Teatro Novo (Ceará), fundado em 1965, por Marcus Miranda, chamado Praxedinho; Grupo Sobrevento (São Paulo/Rio de Janeiro), 25 anos; Pia Fraus Teatro (São Paulo), 27 anos; Quem Tem Boca É Pra Gritar (Paraíba), 23 anos.[1]

III. Alguns destaques

Dentre algumas companhias/grupos de teatro em atividade pelo país (tendo em vista o pouco espaço de que se dispõe aqui), podem ser destacados, nas diversas regiões brasileiras, pelas linhas estéticas, pelo repertório apresentado, pela excelência de seus trabalhos, os seguintes:

- **Ateliê de Criação Teatral – ACT** (Curitiba – PR)

Inaugurado em 06 de janeiro de 2000, o ACT expressa o desejo de criar um espaço cultural voltado à pesquisa teatral, sob coordenação de Luís Melo, Fernando Marés e Nena Inoue. Desde a criação do espaço, inúmeras atividades têm sido desenvolvidas por seus criadores: espetáculos, oficinas, seminários, debates, exposições etc. Decorrente dos estudos de Anton Tchekhov, e da recuperação da palavra significada, foi montado o espetáculo *Daqui a Duzentos Anos,* por intermédio do qual se buscou o protagonismo do ator no fenômeno teatral.

Trata-se de um centro novo, mas com profissionais cujos trabalhos são significativos. Desse modo, dentre eles – por sua projeção nacional – merece destaque o ator Luís Melo,

1 Nesta altura, passados dois anos do balanço inicial, é difícil dizer se todos os grupos mencionados encontram-se ainda em atividade.

que trabalhou a partir da década de 1980 no CPT. Sob a batuta de Antunes Filho, Melo atuou e protagonizou montagens absolutamente antológicas, das quais podem ser citadas: *Nova Velha Estória, Trono Manchado de Sangue* e *Vereda da Salvação.*

Mais informações sobre o Ateliê de Criação Teatral podem ser obtidas no endereço <http://www.act.art.br>.

- **Agitada Gang – Trupe de Atores e Palhaços da Paraíba** (João Pessoa – PB)

Criado em 1987, por artistas de diferentes grupos, arte-educadores, animadores culturais e outros profissionais, o grupo caracteriza-se como uma das referências do teatro nordestino, com muitos prêmios e reconhecimento pela qualidade de suas encenações, nos diferentes festivais de teatro de que participou.

Ao se investigar o repertório apresentado pelo grupo, ganham destaque tanto a escolha por temáticas ligadas à cultura popular e ao homem nordestino, como a predileção por autores brasileiros, mormente nordestinos. Desse modo, um grande momento atingido pelo grupo foi o espetáculo *Como Nasce um Cabra da Peste,* do importantíssimo autor nordestino Altimar Pimentel, dirigido por Eliézer Filho.

Para esta publicação não foi possível encontrar o sítio do grupo.

- **Armazém Companhia de Teatro** (Rio de Janeiro – RJ)

A companhia nasceu em Londrina, em 1987, e migrou para o Rio de Janeiro, em 1998. A permanência no Rio de Janeiro ocorreu por conta de o grupo ter conseguido, com outros coletivos de teatro (Intrépida Trupe, Circo do Anônimo, entre outros) a ocupação da Fundição Progresso, no bairro da Lapa. O Armazém caracteriza-se hoje como importantíssima companhia teatral, cujas montagens ocupam lugar de destaque na produção teatral brasileira.

Apesar de arriscado, talvez não seja incorreto afirmar que a estética do grupo transita com uma espécie de sobrenaturalidade. Isto é, amparado em tratamento realista, o inventivo diretor da companhia, Paulo de Moraes, cria uma imagética fantástica, que permanece mesmo após o espetáculo ter sido apresentado. Do mesmo modo que a Companhia dos Atores (RJ) – pelo fato de o grupo ter patrocínio permanente – o conjunto de atores representa outro ponto a ser destacado.

Com diversos e significativos espetáculos no repertório, o último deles *Inveja dos Anjos*, transita com a memória "necessitada de palavras". Parafraseando Carlos Drummond de Andrade: palavras "[...] que esplendem na curva da noite [...] querendo explodir" em "[...] tempo de homens partidos". Trata-se de uma Companhia que busca o trânsito com o encantamento. *Alice Através do Espelho* é uma obra que sempre dá vontade de assistir novamente.

O grupo tem também uma belíssima página na Internet: <http://www.

armazemciadeteatro.com.br> na qual aparecem referências de todo seu material impresso.

- **Carroça de Mamulengo** (Juazeiro do Norte – CE)

O encontro entre Carlos Gomide e Schirley França ocorreu em Brasília, em 1982. O encontro teatral aproximou os dois artistas que, juntos, criaram uma lindíssima família de brincantes. Se, antes, os bonecos representavam o forte da dupla, com o nascimento dos tantos filhos houve uma ampliação: bonecos gigantes, bonecos de vestir e elementos circenses passaram a ser incorporados aos espetáculos.

Viajando por todo o país, a família Gomide apresenta espetáculos que podem ser assistidos por espectadores de todas as idades. Canto, coreografias, perna-de-pau, manipulação de diversos tipos de bonecos e pirofagia mesclam-se, de modo singelo e sofisticado, para encantar os espectadores. Vê-los, dentro e fora de cena, é sempre um grande prazer.

Outras informações podem ser encontradas no endereço <http://www.carrocademamulengos.com.br>.

- **Cia. dos Atores** (Rio de Janeiro – RJ)

Quando completou 18 anos de existência em 2006, o grupo lançou, com 388 páginas de puro deleite, o surpreendente livro *Na Companhia dos Atores: Ensaios Sobre os 18 anos da Cia. dos Atores*. Dirigida por Enrique Diaz e com um elenco que tem se mantido, a Companhia caracteriza-se também como mais uma referência de trabalho estético fundamentado em teatro mais experimental e em radicalização de linguagem. Os espetáculos da Companhia propõem um denso e significativo mergulho nos expedientes do teatro épico e no teatralismo. Enfatizando o excepcional coletivo de atores em conjunto com todos os criadores – sob a batuta de Diaz – o grupo insere-se na proposição do teatro colaborativo. Por conta desse caminho – em que cada um entra com o seu melhor – não há dúvida de que o grupo tem merecido o reconhecimento pelo seu trabalho.

A Companhia apresentou recentemente dois espetáculos de seu repertório: *Ensaio. Hamlet* e *Melodrama*: sucessos de público e de crítica.

Mais informações sobre o grupo em <http://www.ciadosatores.com.br>.

- **Companhia do Latão** (São Paulo – SP)

Fundado em 1977, o grupo tem-se dedicado à criação de experimentos artísticos fundamentados em expedientes do teatro épico brechtiano e, do ponto de vista temático, nas contradições do capitalismo mundial. Desse modo, em parte significativa das vezes, o grupo tem produzido espetáculos cujos textos são criados coletivamente, em bases dialéticas, enfocando aspectos que interessam aos seus integrantes, estética e politicamente.

Suas montagens anti-ilusionistas têm se caracterizado por proposições que conciliam – de acordo com o filósofo alemão Walter Benjamin no ensaio *O Autor como Produtor* –, qualidade estética e tendência política justa, que, neste caso, referem-se à apresentação de "imagens praticáveis do mundo".

Com diversos espetáculos já montados e apresentados nos mais diversos locais: de teatros tradicionais a acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, a Companhia mantém um permanente processo de formação, além da publicação da revista *Vintém.*

Mais informações sobre o grupo podem ser encontradas na página <http://www.companhiadolatao.com.br>.

- **Clowns de Shakespeare** (Natal – RN)

O grupo foi fundado em 1993, em Natal, mas seus primeiros passos foram dados durante o período em que alguns de seus integrantes eram estudantes do antigo colegial, a partir de aulas de literatura ministradas pelo professor Marco Aurélio Barbosa. Depois dos primeiros voos – montaram naquela ocasião *Sonho de uma Noite de Verão* e sem se distanciarem de Shakespeare –, os jovens artistas passaram a ocupar o espaço chamado Casa da Ribeira e têm apresentado trabalhos primorosos, dentre os quais podem ser destacados: *Muito Barulho por Quase Nada, Fábulas* e *O Casamento do Pequeno Burguês.*

Ao comemorar quinze anos de existência, em 2008, os integrantes do grupo lançaram uma bela publicação, chamada *15 Encontros,* que reúne quinze relatos de profissionais acerca do coletivo, seus fazeres e seus andares.

Informações sobre o grupo e a publicação podem ser acessados por meio da página <http://www.clowns.com.br>.

O grupo também mantém, com outros parceiros do Nordeste, o jornal eletrônico (que é impresso algumas vezes) *Desembucha* (desembucha@clowns.com.br), por meio do qual, pensamentos e ações de parceiros das plagas nordestinas podem ser conhecidos.

- **Fraternal Cia. de Arte e Malas-Artes** (São Paulo – SP)

Grupo criado, em 1993, pela dupla Ednaldo Freire e Luís Alberto de Abreu, se consolidou como uma das mais importantes companhias de teatro, e não apenas da cidade de São Paulo. A Fraternal tomou inicialmente os expedientes da *commedia dell'arte* e vários espetáculos foram montados no projeto chamado "*Comédia Popular Brasileira*", que gerou o livro, editado pela Siemens do Brasil, com o mesmo nome do projeto, contendo os textos *Burundanga, O Anel de Magalão, O Parturião* e *Sacra Folia,* e levou seus artistas à investigação de heróis da cultura popular universal. Posteriormente, os trabalhos da Companhia enveredaram para a pesquisa do teatro narrativo e para a recuperação de antigos gêneros teatrais, como os autos medievais.

Por último, vale destaque o fato de Luís Alberto de Abreu – com, aproximadamente, setenta obras escritas e grande parte montada – encontrar-se entre os dramaturgos mais premiados e respeitados do País.

Mais informações acerca do grupo podem ser encontradas no sítio <http://www.fraternal-cia.com>.

- **Grupo Galpão** (Belo Horizonte – MG)

A trajetória do Galpão começou a ser traçada em 1982. Os alemães George Froscher e Kurt Bildstein ministraram uma oficina e, dela, os integrantes iniciais do Grupo Antônio Edson, Eduardo Moreira, Teuda Bara e Wanda Fernandes passaram a nutrir a vontade de fazer e de viver de teatro. Em 1984, soma-se ao Grupo, Chico Pelúcio. Sediado em Belo Horizonte, o Galpão tem produzido de seu epicentro criativo uma série de felizes espetáculos que têm destaque não apenas na história do teatro mineiro.

Trata-se de outro grupo de referência da produção teatral desenvolvido no país. Com aproximadamente quinze espetáculos realizados no tempo de sua existência, aquele que é constantemente citado e apontado como referência é *Romeu e Julieta*, dirigido pelo também diretor mineiro, radicado em São Paulo, Gabriel Villela. Por todas as qualidades do citado trabalho, além de seu preciosismo estético, a obra instou muita gente a fazer teatro de rua.

Para informações acerca do grupo, consultar o belo livro de Carlos Antônio Leite Brandão (2002).

- **Grupo Imbuaça** (Aracaju – SE)

Fundado em 1977, trata-se de importante grupo e referência do teatro nordestino, cujo lema de divulgação apresenta o indicativo segundo o qual "a rua se caracteriza como seu palco". Com significativo número de espetáculos, o Imbuaça já se apresentou em praticamente todo o Brasil e também em outros países. Seus integrantes têm preocupação com a cultura e com as tradições culturais populares nordestinas, e seus espetáculos são montados vislumbrando tanto os espaços abertos como os fechados.

Para outras informações, consultar o endereço <http://www.infonet.com.br/gimbuaca>.

- **Grupo Oficcina Multimédia** (Belo Horizonte – MG)

Grupo fundado pelo compositor e bandoneonista Rufo Herrera. Em 2009, o coletivo comemorou trinta anos de atividades ininterruptas. Em 1977, no Festival de Inverno de Ouro Preto, Ione de Medeiros participou de trabalho coordenado por Herrera e, em 1983, Ione assinou seu primeiro trabalho como encenadora: *Biografia.*

Depois da primeira experiência, outras dezessete montagens seguiram-se, com forte apelo imagético. O que tem caracterizado os trabalhos do Grupo é a montagem de obras experimentais, anti-naturalistas, de grande apelo visual e com temáticas e abordagens bastante urbanas. Cada espetáculo, seguindo

várias das proposições simbolistas, repletas de polissemia, são enigmas que inquietam e permanecem a provocar o espectador muito tempo depois de a obra ter sido apresentada.

Mais informações sobre o Grupo, consultar o belíssimo livro de Ione de Medeiros (2007).

- **Grupo Teatral Tribo de Atuadores Oi Nóis Aqui Traveis** (Porto Alegre – RS)

Trata-se de outro importantíssimo grupo de teatro do Brasil. Fundado em 1977, por estudantes do Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, antes mesmo de ter constituído uma sede própria. Desafiando tantas proibições e dificuldades econômicas, os integrantes do grupo perambularam pelas ruas e pelos mais diversos espaços de representação.

Além de espetáculos antológicos, o "Oi Nóis" desenvolve uma série de atividades para troca de experiências com outros grupos. Por meio de processos de imersão, em sua sede, procedimentos e expedientes descobertos pelo Grupo são socializados com artistas, estudantes de teatro e interessados em trabalhos estético-comunitários. Um de seus últimos espetáculos, *O Amargo Santo da Purificação*, presta uma linda homenagem a Carlos Lamarca.

Por último, preocupados com a memória cultural e com sua própria trajetória, o Oi Nóis Aqui Traveis, além de revista, publicou um livro organizado por Valmir Santos (2005).

- **Grupo Teatro Sim... Por Que Não?** (Florianópolis – SC)

O Grupo se formou em 1984 com a participação de estudantes do curso de teatro ministrado por Margarida Baird, no SESI de Florianópolis. Como característica, o Teatro Sim... tem sido dirigido por diferentes diretores, dentre os quais pode ser destacado José Ronaldo Faleiro. Outro aspecto significativo diz respeito à permanente pesquisa com diferentes formas teatrais.

Em 2000, por exemplo, o Grupo apresentou, inspirado na Declaração dos Direitos Humanos, um espetáculo de formas animadas, chamado *Livres e Iguais, a Manipulação dos Direitos Humanos*, com direção e criação de Júlio Maurício, Nazareno Pereira e Nini Beltrame. Seus participantes já montaram o clássico do circo-teatro, *O Céu Uniu Dois Corações*, com direção de Neyde Veneziano. O último espetáculo, dirigido por Francisco Medeiros, com texto de Peter Handke foi, o surpreendente, *O Pupilo Quer Ser Tutor*.

Informações acerca do grupo podem ser conseguidas pelo e-mail: teatrosim@hotmail.com.

- **Nu Escuro** (Goiânia – GO)

Formada por jovens artistas e tendo como um de seus diretores Hélio Fróes, a companhia goiana, fundada em 1996, conta com doze trabalhos montados e tem viajado pelo país com o espetáculo *O Cabra que Matou as Cabras.* Os

estudos, as experiências pelos mais diferentes espaços e estéticas e variadas técnicas de atuação surgiram da necessidade de os integrantes do Grupo poderem ampliar o contato com o público e ampliar os modos de intervenção com a platéia em espaços alternativos.

Mais informações sobre o grupo, consultar o endereço <http://www.nuescuro.com.br>.

- **Oigalê Cooperativa de Artistas Teatrais** (Porto Alegre – RS)
  "Oigalê, Oigalê, Oigalê: é espetáculo de rua pra você
  Oigalê, Oigalê, Oigalê: traga os amigos, os parentes e venha ver."

Estes versos são parte de uma canção cantada pelo Grupo para conclamar espectadores a se aproximarem da área em que o espetáculo vai ser apresentado. O grupo foi formado em Porto Alegre, em 1999, e desde essa década não tem tido parada. Os integrantes do Oigalê têm consciência de que fazem cultura pública.

Desse modo, o Grupo tem como característica fundamental um significativo processo de pesquisa do folclore regional, por meio do qual, muitas tradições têm sido recuperadas e adaptadas à linguagem teatral. Nos surpreendentes espetáculos do Oigalê, as chamadas tradições gaudérias ou gauchescas aparecem na totalidade dos elementos que constituem o teatro: no canto (sempre ao vivo), na prosódia, nos adereços, na temática e nos figurinos.

Como tantos outros aqui citados, o Oigalê representa mais um grupo que luta e acredita na força do conjunto, do trabalho coletivo. Parafraseando Tolstoi, trata-se de mais um coletivo que canta a aldeia em que nasceu para conseguir cantar o mundo.

De outro modo, e como afirma outro verso: "Oigalê, Tchê! Te aprochega pra ouvir!".

Para mais informações sobre grupo, pesquisar no endereço <http://www.oigale.com.br>.

- **O Imaginário Associação Cultural** (Roraima – RR)

Criado em 1978 pelos diretores teatrais Cláudio Vrena e Chicão Santos, os trabalhos do Imaginário apresentam-se em quaisquer espaços, tanto em seu Estado de origem como em outros que os convidem aos processos de troca.

Há algum tempo desenvolvendo um projeto pioneiro nos Estados do Norte do Brasil, o Grupo, que é filiado à Rede Brasileira de Teatro de Rua, tem levado espetáculos, cursos de formação e palestras a diferenciadas faixas-etárias e por meio de diferentes proposições estético-teatrais: espetáculos na rua, de caixa, performances, contação de histórias.

Atualmente, o Grupo tem apresentado dois espetáculos: *Os Olhos Verdes da Neurose* e *Filhas da Mata*. Para mais informações, contatar: oimaginarioro@yahoo.com.br.

- **Tá na Rua** (Rio de Janeiro – RJ)

Amir Haddad é hoje uma das mais importantes figuras do teatro brasileiro, com prestígio internacional. A carreira do diretor iniciou-se em São Paulo, em 1959, no Diretório Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. De fundador do Teatro Oficina**,** em 1959, o diretor optou pelo teatro de rua e de intervenção urbana. Assim, em 1975, o Grupo de Niterói se reorganizou e, em 1980, foi rebatizado como Tá na Rua. Hoje, com trinta anos de existência, o grupo tornou-se um referência do teatro de rua, não apenas no Brasil.

Segundo Haddad, o grupo transforma-se em um anti-filhote da ditadura militar, mais especificamente do governo Médici. Foi para a rua no sentido de estabelecer uma relação mais profunda com a população, por meio da qual pudesse interferir nos processos de silenciamento e de opressão impostos e não apenas aos artistas pela ditadura militar. Na rua, podiam falar ao cidadão brasileiro e contrapor-se, em resistência, a um sistema que oprimia a totalidade absoluta da população.

Os espetáculos do Grupo, sempre a partir de temáticas sociais significativas, caracterizam-se como espetáculos-manifestos, que conclamam à troca e à participação bastante lúdicas e brincantes.

No sentido de registrar sua trajetória, o Grupo lançou, com patrocínio da Petrobras, um DVD e um livro, organizados por Jussara Trindade e Licko Turle (2008).

- **Teatro Popular União e Olho Vivo – TUOV** (São Paulo – SP)

Um dos mais emblemáticos e significativos grupos de teatro do País. Fundado em 1966, no Diretório Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco, o Grupo reconhecido internacionalmente, apresenta-se, desde sua fundação, em qualquer espaço. Seu fundador César Vieira, advogado e jornalista de formação, artista militante por opção, defende, coerentemente, uma prática segundo a qual a arte deve colocar-se a serviço da ética.

Trata-se de um grupo amador, formado por profissionais das mais diferenciadas áreas de atuação, cujos espetáculos são ensaiados e apresentados aos finais de semana, e que resultam de um processo coletivo, tomando como lastro temático e de recepção o envolvimento com a periferia da cidade. Motivados por um lema-tático, fundamentado em Robin Hood, tem se cobrado de instituições e se apresentado gratuitamente na periferia, ao longo dos 43 anos de existência desse impecável coletivo. Os espetáculos adotam como lastro, temas normalmente históricos, imbricados com futebol, circo, festas populares, religião, carnaval... Os protagonistas dos espetáculos são, sem exceção, sujeitos das classes populares. Assim, para "completar" a obra, sempre que possível os integrantes do Grupo promovem conversas com as platéias, tanto a respeito de aspectos do trabalho apresentado quanto de problemas enfrentados pela comunidade.

O artista, o cidadão, o advogado, o companheiro de todas as lutas César Vieira é um dos maiores "comandantes em chefe" do

teatro brasileiro. Respeitadíssimo, seja como César Vieira ou como Idibal Pivetta (nome de batismo do advogado), devota sua vida às causas populares, à luta dos trabalhadores e dos estudantes.

Demais informações sobre o grupo pelo e-mail teatropopularolhovivo@uol.com.br ou em César Vieira (2007).

- **Vigor Mortis** (Curitiba – PR)

Sediada em Curitiba, a Companhia foi fundada em 1997 por Paulo Biscaia Filho, com intuito de criar espetáculos baseados na estética do chamado teatro do *Grand Guignol* (nome com o qual se batizou, em Paris, o teatro de horror com cenas chocantes, a partir do século XIX). Depois de alguns espetáculos inseridos nessa proposição, a companhia incorporou o vídeo e a multimídia em seus trabalhos. Resulta daí, em 2004, o espetáculo *Morgy Story: sangue, baiacu e quadrinhos*. De modo impecável e sofisticando a utilização dos recursos, a Companhia tem desenvolvido um excelente trabalho de diálogo entre o teatro e a linguagem vídeocinematográfica.

Outras informações sobre o grupo estão em <http://www.vigormortis.com.br>.

IV. Finalização

A despeito de tantas dificuldades para produzir espetáculos e manter vivos seus grupos, há no Brasil uma profusão de coletivos teatrais, ocupando todo tipo de espaço, na busca por processos de trocas de experiências simbólicas por intermédio de suas obras. Um texto curto como este, evidentemente, "injusticia" a totalidade dos criadores, mas pode descortinar novas possibilidades de troca por meio dos grupos citados.

Ao divulgar o trabalho dos grupos aqui presentes, ação que nem o poder público tem desenvolvido, o objetivo fundamental centra-se na criação de uma rede que permita aos grupos conhecerem-se e passarem a trocar informações. Ao lado do Movimento de Teatro de Rua (MTR), o mais mobilizado dos movimentos em âmbito nacional, formado a partir da 14ª edição da Mostra de Teatro de Rua de Angra dos Reis, desenvolvida em maio de 2009, está o Núcleo Nacional de Pesquisadores de Teatro de Rua, que pode ser contatado pelo endereço: nucleodepesquisadoresdeteatroderua@yahoogrupos.com.br.

Teatro infantil, circo-teatro, teatro de caixa (palco), teatro de rua, teatro na rua, teatro em espaços inusitados, teatro de formas animadas, teatro processional (que perambula e anda por espaços diversos) – há uma profusão de formas e, também, de artistas, sendo a maioria deles organizada em grupo, festejando a vida, os chamados deuses do teatro e a interlocução diferenciada.

Para sintetizar o estado em que se vive no país – a despeito de todas as dificuldades –, pode ser pertinente citar, mesmo tendo sido uma brincadeira, o fragmento de um dos textos do grande poeta, dramaturgo e ativista russo Vladimir Mayakóvski (*apud* BOLOGNESI, 1988), segundo o qual:

Senhoras e Senhores:
em algum lugar do mundo,
acho que no Brasil,
existe um homem feliz!

Se existe esse homem, aqui, ali, acolá, alhures... é bem possível que ele possa ser visto fazendo teatro!

Artigo recebido em 13 de março de 2010.

Aprovado em 15 de outubro de 2010.

Referências bibliográficas

BOLOGNESI, Mário. TRAGEDIA: UMA ALEGORIA DA ALIENACAO. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP), 1988.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Grupo Galpão: uma história de risco e rito*. Belo Horizonte: Ed. O Grupo, 2ª Ed., 2002.

MEDEIROS, Ione. *Grupo Oficcina Multimédia – 30 anos de integração das artes no teatro*. Belo Horizonte: Ed. I. T. Medeiros, 2007.

SANTOS, Valmir. *Aos que Virão depois de Nós – Kassandra in process: o desassombro da utopia*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2ª Ed., 2005.

TRINDADE, Jussara; TURLE, Licko. *Tá na Rua: teatro sem arquitetura, dramaturgia sem literatura, ator sem papel.* Rio de Janeiro: Tá na Rua, 2008.

VIEIRA, César. *Em Busca de um Teatro Popular*. Rio de Janeiro: Funarte, 4ª Ed., 2007.